



As encruzilhadas do sindicalismo

O jornalista Altamiro Borges, autor dos livros "Encruzilhadas do Sindicalismo" e "Era FHC - A regressão do trabalho" (Editora Anita Garibaldi) e editor da revista "Debate Sindical" fala sobre as principais "encruzilhadas" que o movimento sindical tem pela frente.



Altamiro Borges faz questão de destacar que a crise sindical não é um fenômeno particular do Brasil, "é um fenômeno mundial". E elogia: "aqui ainda tivemos uma reserva moral que não permitiu a adesão total ao projeto neoliberal, como aconteceu em outros países". Uma reserva moral que vem, segundo o jornalista, da tradição anarquista e comunista que está na criação do sindicalismo brasileiro.

Por outro lado, o jornalista faz questão de dizer que os sindicatos perdem quando não entendem que hoje a ação sindical deve ser internacionalista para fazer frente ao projeto de globalização econômica. "Não entender o que está acontecendo no mundo e os reflexos que esses acontecimentos têm na nossa vida é realmente um problema sério que o movimento sindical precisa resolver".

Voz do Advogado - Quais as encruzilhadas do sindicalismo brasileiro?

Altamiro Borges - Acho que o sindicalismo está vivendo uma crise mundial. No mundo todo tem ocorrido queda na taxa de associação (sindicalização), na representatividade (assembléias esvaziadas) e crises nas direções sindicais. Acho que é um fenômeno mundial, que, no meu entender, tem muito de fator objetivo. Não é só um problema das direções sindicais que não estão sabendo responder à crise. Na minha opinião, a gente tem de levar em conta que estamos vivendo um período muito negativo do capitalismo. É a fase mais regressiva e destrutiva que o sistema capitalista vive em toda a sua história. Isso representa um brutal aumento do desemprego, da precarização do trabalho, da informalidade. Tudo isso dificulta a ação sindical.

O sindicalismo vive fases áureas quando o próprio capitalismo cresce, porque aí os sindicatos têm maior poder de barganha. Quando o capitalismo está numa fase decadente, decrescente, a situação do sindicalismo é muito difícil para barganhar.

Voz do Advogado - Como assim?

Altamiro Borges - A classe trabalhadora sofreu, nas duas últimas décadas, uma grande desestruturação. Então, uma coisa era você fazer sindicalismo num mundo onde o grosso dos trabalhadores tinha carteira assinada, estava no mercado formal. Outra coisa é você fazer sindicalismo quando, por exemplo, no Brasil, 57% estão na informalidade. Onde você tem, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), 10% de desemprego aberto. Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estudo e Estatística Socioeconômicas), se somar desemprego aberto, desemprego oculto e desemprego por desistência, temos 19%. Então isso dificulta muito a ação sindical.

Volto a dizer, é uma crise mundial e não só das direções sindicais. Tem fatores objetivos. O capitalismo está se transformando para pior. Afora isso, essa fase do capitalismo é muito regressiva. Nós estamos vivendo uma regressão civilizacional. O que se conquistou está sendo retirado. Isso não é um fenômeno brasileiro.

Vamos pegar, por exemplo, o patronato na Alemanha, que é o pólo dinâmico da economia européia. Ele está discutindo aumentar a jornada para 50 horas semanais e reduzir as férias de 36 dias para uma semana. E faz isso de que forma? Ameaçando: ou vocês aceitam ou vamos transferir, desterritorializar as fábricas. Vamos passar para a Hungria, para países onde a mão-de-obra é mais barata.

E para completar, essa reestruturação do capitalismo geral também se dá no micro, na unidade de trabalho. O capitalismo está passando por um processo que alguns chamam, e eu acho que é um bom termo, de uma terceira revolução. É uma revolução informacional, com base na microeletrônica e na informática.

Você pega setores dinâmicos do movimento sindical. Por exemplo, quem retomou as greves no Brasil, em 1978, foi a ferramentaria da Volkswagen e das montadoras de automóveis do ABC Paulista. Hoje, com a automação microeletrônica, as ferramentarias estão desaparecendo. Tudo isso dificulta a

ação sindical no Brasil e no mundo. São encruzilhadas grandes.

Voz do Advogado - E como estão as direções sindicais?

Altamiro Borges - Junte-se a essas "encruzilhadas" o problema das direções sindicais. Como encarar isso? Alguns setores, diante da ofensiva, se converteram às posições do Capital. Existem vários setores do movimento sindical que hoje defendem a "conversão" da classe, defendem as teses neoliberais. Setores que falaram contra a estabilidade no emprego, contra a redução da jornada de trabalho sem redução salarial, porque isso iria atrapalhar o desenvolvimento das empresas. Ou seja, (esses setores) assimilaram fazer a defesa do Estado mínimo das privatizações, da redução do papel do Estado, da demissão de servidores públicos.

Então, você tem setores que se converteram ao neoliberalismo. E você tem setores sindicais que não chegaram ainda ao ponto de se converterem, mas que entraram num processo de adaptação, de "possibilitismo". E que levam uma política de conciliação. É menos confronto e mais negociação. Você tem isso com muita força no interior da CUT. São as teses do sindicalismo cidadão, não é mais o sindicalismo de classe. Não é mais um sindicalismo reativo, é um sindicalismo de proposição.

Voz do Advogado - A "forma" sindicato vai acabar?

Altamiro Borges - Eu acho que a "forma" sindicato está em crise, mas não acho que vai acabar. Não acho que o sindicato perde o seu papel. O sindicato tem um papel fundamental na sociedade hoje. Pior seria se não houvesse sindicato. A regressão seria muito mais bárbara. O neoliberalismo detesta sindicatos. Então, o sindicato não vai acabar. Mas o sindicato precisa saber como superar todos os ataques que vem sofrendo. Ele tem de inovar e de um processo muito autocrítico.